



CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA

**DANÇA COMO PROPOSTA SENSÍVEL PEDAGÓGICA PARA
ALUNOS COM AUTISMO**

Campo Grande-MS
Dezembro/2017

DANÇA COMO PROPOSTA SENSÍVEL PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM AUTISMO

LARA CRISTINA PEREIRA PAULON

Trabalho de Conclusão de Curso,
orientado pela Profa. Dra. Gabriela Di
Donato Salvador Santinho, como
requisito parcial para conclusão do
curso em Artes Cênicas e Dança –
Licenciatura, da Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Campo Grande-MS
Dezembro/2017

DANÇA COMO PROPOSTA SENSÍVEL PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM AUTISMO

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apontar uma possível investigação sobre a possibilidade de sensibilização corporal, a partir da dança, do aluno com autismo nas escolas. Com esta pesquisa entendemos a dança como área de conhecimento que parte do trabalho sensível corporal e que pode auxiliar no desenvolvimento dos sentidos do aluno com autismo, possibilitando maior interação e relação sensível com o mundo. A dança também proporciona ao aluno autista a capacidade de ser um indivíduo tocado em sua totalidade, potencializa os sentidos do corpo e é um elemento de abertura para o meio (já que alguns autistas têm característica de retraimento). A dança sobre a abordagem da sensibilidade, que utiliza uma abordagem somática, em que o físico, imagético, psíquico, emocional e os processos mentais e culturais agem em rede, resulta no corpo soma – físico e mental em sinergia. A pesquisa é de cunho bibliográfico e estuda profissionais da área da saúde e da dança que abordam o corpo como cerne do conhecimento sensível e trabalham especificamente com educação especial, sobretudo o autismo. O conteúdo será apresentado a partir de uma definição de autismo e de uma proposta de dança na educação, embasada na educação sensível como possibilidade de caminho pedagógico.

Palavras-Chave: Dança. Proposta Pedagógica. Autismo. Educação Sensível.

Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, e objetiva abordar a dança como proposta pedagógica sensível para alunos com autismo no âmbito escolar.

Consideramos que essa linguagem artística pode ser um caminho de sensibilização e interação com o mundo, na medida em que usa o corpo como caminho para diferentes tipos de aprendizado, contribuindo para o desenvolvimento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

Conforme sugere Vieira (2015),

Os indivíduos podem não só vir a entender suas inteligências múltiplas como também desenvolvê-las de formas altamente flexíveis e produtivas dentro dos papéis humanos criados por várias sociedades. Inteligências múltiplas podem ser mobilizadas na escola, em casa, no trabalho ou na rua, isto é, nas várias instâncias de uma sociedade. (GARDNER apud VIEIRA, 2015, p. 128).

Sempre interessei-me pela temática da educação especial, e o destino colocou em minhas mãos duas figuras que foram de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, e minhas primeiras motivações para tal: Eduardo e Isaque, meus filhos, que aos 21 meses de vida apresentaram características do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), recebendo diagnóstico somente aos 36 meses de vida. Desde então, estive em muitos consultórios médicos e instituições que trabalham com o desenvolvimento da pessoa com autismo e interessando-me cada vez mais pela temática.

Foi a partir dessa inquietação, como mãe e futura educadora, que percebi a necessidade real e a importância de tratar deste assunto que ainda é pouco estudado, trabalhado e discutido nas escolas. Decidi lançar um olhar para o aluno com autismo e seu desenvolvimento dentro da disciplina de Arte, considerando que esta seria minha formação principal e minha futura atuação profissional.

A partir dos textos estudados ao longo do curso de Artes Cênicas e Dança, deparei-me com a proposta da Educação Sensível e entendi como uma aliada para as discussões a respeito do autismo.

A segunda motivação para essa pesquisa, e não menos importante, foi a abordagem utilizada por professores e apoios pedagógicos dentro de sala de aula, no que se refere aos alunos com autismo, que muitas vezes eram retirados das atividades desenvolvidas por causa de seu comportamento e de suas respostas não convencionais às propostas trabalhadas nas aulas. Ou seja, a própria inclusão escolar, que é tão exigida e amparada legalmente, exclui esse aluno, por falta de preparo, tato e conhecimento da maioria dos educadores.

Esse fato levou à terceira motivação: a conscientização dos professores sobre a abordagem sensível pedagógica, que pode transformar a qualidade de ensino e acrescentar qualidade aos aprendizados corpóreo e intelectual deste aluno em questão.

Acredito que as discussões apresentadas também serão de grande valia para o desenvolvimento emocional, psicomotor e de interação social de meus filhos, Eduardo e Isaque, que hoje têm 52 meses de vida (4 anos e 5 meses), estão em idade escolar, frequentando escolas de ensino comum na perspectiva (talvez irreal) de inclusão.

Para explanarmos o tema, dividimos o texto em três tópicos. O primeiro explica brevemente o Transtorno do Espectro do Autismo, apresentando suas principais características. O segundo tópico apresenta as possibilidades que vislumbramos no trabalho da dança na educação para alunos com autismo e, no terceiro, enquadramos nossa proposta na educação sensível de Duarte Junior, considerando-a como uma abordagem pertinente e potente para a dança na educação de alunos com autismo.

Transtorno do Espectro do Autismo: conhecendo este outro mundo nosso

Quanto ao entendimento a respeito do espectro autístico, podemos elucidar por meio das palavras de Gaiato (2012) que

Quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. O espectro autista é assim, possui várias camadas, mais ou menos próximas do autismo clássico (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, o ponto onde a pedra atingiu a água. Esse espectro pode se manifestar nas pessoas de diversas formas, mas elas terão alguns traços similares, afinal todas as ondulações derivam do mesmo ponto. (GAIATO, 2012, p. 42).

O autismo se encaixa no CID 84 – Transtorno Global do Desenvolvimento, transtorno que afeta basicamente a interação social, os aspectos cognitivos e, muitas vezes, a fala do indivíduo com TEA. Entretanto, estas características não significam que este indivíduo não aprenda, apenas apresentam o fato de que aprende em um tempo e de uma forma diferentes das pessoas ditas neurotípicas¹.

As primeiras características do autismo se manifestam antes que a criança complete os 3 anos de idade e, geralmente, são reconhecidas pela ausência da fala ou perda da comunicação verbal e não verbal, habilidade social ou a perda da mesma, até mesmo com os mais próximos como os pais, avós, tios e etc.

Apresentam também dificuldade em interpretar os sinais sociais, como fisionomia do rosto ou frases com duplo sentido, e possuem inadequações comportamentais, interesses específicos por determinados objetos ou atividades, têm dificuldade em lidar com o inesperado e não aceitam a mudança de rotina com facilidade.

Segundo as autoras Brito e Vasconcelos (2016), “o mais importante para a criança autista é o diagnóstico precoce e a reabilitação precoce e intensiva, direcionada para o transtorno do comportamento e da comunicação” (BRITO e VASCONCELOS, 2016, p. 30).

Sendo assim, este artigo vislumbra não apenas uma reabilitação, mas também, a partir da linguagem da dança na educação, a busca da ressignificação das formas de comunicação deste aluno. Evidenciamos, porém, que a dança a qual nos referimos aqui é a dança trabalhada na educação – que apresentaremos a seguir – e não a dança terapia, utilizada por profissionais da área da saúde.

¹**Neurotípicas:** Em Psicologia, Psiquiatria, Neurologia e áreas afins, diz-se **neurotípico** do indivíduo que não apresenta distúrbios significativos no funcionamento psíquico.

No contexto do esclarecimento acerca do Transtorno do Espectro Autístico, o escritor e neuropediatra, especialista em autismo, Carlos Gadia (2013) esclarece que

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, com impactos importantes no desenvolvimento do indivíduo, e que começa a se manifestar nos primeiros três anos de vida, gerando grandes dificuldades na comunicação, interação social e aprendizagem. O autismo pode ou não ser associado a um comprometimento cognitivo. (GADIA, 2013, p. 10).

Conforme o mesmo autor, as pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo podem ser muito diferentes entre si, mas, em maioria, geralmente apresentam

[...]isolamento, ausência total de linguagem verbal, agitação psicomotora intensa, comportamentos ritualísticos, movimentos repetitivos e prejuízo no contato social. Outros que conversam bem, possuem até vocabulário muito rebuscado e inventam novas palavras, são capazes de falar horas sem parar sobre um determinado tema, parecendo “pequenos professores”. Eles geralmente conseguem acompanhar o conteúdo em sala de aula e tirar boas notas, mas socialmente podem se comportar de modo inadequado. Não conseguem fazer ou manter amizades por um longo período, ou parecem não se importar muito com a opinião e o desejo dos outros colegas ou professores. Entre esses dois extremos, existe uma infinidade de combinações de manifestações clínicas que irão determinar a personalidade de cada um desses alunos. (GADIA, 2013, p. 15).

A partir dessa definição, acreditamos, na presente pesquisa, que o aluno com autismo pode, a partir da dança na educação, obter autoconhecimento, vivenciar noções de corporeidade, relacionamentos estéticos, “[...]referência à capacidade humana de aprender a realidade de modo consciente, sensível[...]”, expressividade ativada, diálogos corporais e não verbais, sensibilização, apreciação e fruição de dança, além de conseguir promover relações de equilíbrio e harmonia com o mundo, potencializando suas capacidades, deixando, por exemplo, de praticar alguns movimentos estereotipados².

Este comportamento autístico tem algumas características, como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos, necessidade de ter as coisas somente por tê-las. Porém, enquanto educadores,

Não devemos nos deter às suas dificuldades, mas viabilizar as potencialidades, sempre visando a independência, autonomia,

² **Movimentos Estereotipados:** A tendência à repetição e as estereotipias. Segundo o DSM-V, os **autistas** apresentam padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das seguintes maneiras: comportamentos motores ou verbais **estereotipados**, ou comportamentos sensoriais incomuns.

socialização e auto-realização de quem vive e se expressa de maneira tão peculiar. (GAIATO, 2012, p. 32).

Entendemos aqui a dança com uma abordagem de sensibilidade, que pode potencializar os sentidos do corpo do aluno com autismo e possibilitar que este corpo interaja com o mundo ao seu redor. A hipótese é que, utilizando da dança sensível nos processos de possibilidade pedagógica, estaremos galgando caminhos por onde o inteligível e o sensível andam lado a lado, sem dicotomias. Lembramos, contudo, que não tentaremos sensibilizar o aluno que, por característica natural, já o é, mas sim proporcionar acesso a uma educação sensível e (do) sensível, dando-lhe caminhos de possibilidade aos saberes corporais, pouco explorados pela educação especial.

Afinal, somos seres sociais e nos processos de socialização passamos por momentos bons, construtivos, tristes e felizes, e isso faz parte do desenvolvimento do ser social. Porém, pessoas com autismo têm muita dificuldade em interagir socialmente. Em muitos casos essa dificuldade é tão severa que o indivíduo vive em um mundo quase impenetrável.

Quando tratamos do aluno com autismo, é preciso compreendermos as esferas em que se encontra e que dentre as necessidades de todas as pessoas, neurotípicas ou não, o aluno com autismo precisa de maior dedicação por parte do educador, sendo ele um apoio pedagógico ou professor regente em sala de aula. É preciso que o educador conheça o que rege este espectro e tenha compreensão do que seria a educação (do) sensível aqui proposta.

Despertar a necessidade de conhecimento é uma busca incessante no processo construtivo, tanto do aluno quanto do professor, considerando-a uma troca de saberes. Sabe-se que o autista tem suas especificidades no campo de interação, mas esta pesquisa apenas nos levará a entender as possibilidades deste indivíduo com relação à dança sensível.

Dança e suas Possibilidades

Dançar... é um dos maiores prazeres de que um ser humano pode desfrutar. Uma ação que traz uma sensação interna e, principalmente, de superação dos limites dos seus movimentos. Algumas pessoas não se importam com passo correto ou errado e fazem de um ato de dançar uma explosão de emoção e ritmo que comove quem assiste. (PICOLO apud BARRETO, 2004, p. 1).

A dança aqui proposta viria ao encontro deste aluno, ampliando suas possibilidades emocionais, conforme considera Alleoni (2016) ao dizer que a dança auxilia o aluno a “apropriar-se de suas emoções e ações, numa consciência sensível de si, reconhecendo (e modificando!) sua capacidade expressiva, seu corpo e sua forma de vê-lo” (ALLEONI, 2016, p.1).

Sendo movimento cinestésico e sinestésico (ou seja, movimento motor físico e de sensações), a dança pode estimular a inteligência racional e os sentidos por meio das práticas propostas a partir dela.

A prática da sensibilização corporal ativa nossos sentidos, a fim de abri-los ao novo, ao inusitado, ao desconhecido. A sensibilização corporal torna os poros do corpo abertos para o mundo e, inspirações existentes nele, sendo, portanto, parte desses “saberes”. (SALVADOR, 2013, p. 73).

A autora se refere aos “saberes” sensíveis e intelectuais, que compõem a educação sensível, que será apresentada adiante e que propomos como foco de trabalho para o aluno com autismo na escola, por ativar essa relação sensível com o mundo, tão importante para este aluno.

A dança pode ativar a percepção e a interação com o mundo e com as pessoas como afirma Salvador (2013):

Por meio da observação e da percepção dos movimentos mais elementares, criamos um código com nosso corpo, começamos a sensibilizar as partes mortas e liberar as articulações. Nosso corpo vai reagindo aos mais diferentes estímulos[...]. (VIANNA apud SALVADOR, 2013, p. 68).

A dança, estimula, portanto, aspectos corporais do aluno com autismo normalmente não explorados na escola e desperta nos indivíduos, com características do espectro autístico e não autístico, novas vias de expressão, capazes de transformar a relação com os fenômenos à sua volta.

Segundo Strazzacappa e Morandi (2001, p. 86), a dança, quando praticada na escola, auxilia não só no que se refere ao físico, mas na capacidade de expressão do aluno, pois as danças “passaram a ser vistas como um trabalho de prevenção de problemas físicos, além de possibilitarem a melhoria da técnica e ampliação da capacidade expressiva daqueles que a praticam.”

Para que essa proposta possa alcançar resultados satisfatórios, acreditamos que seja importante que haja uma comunicação entre a escola, a família, os profissionais da

saúde e o aluno, tendo em vista uma proposta de trabalho coerente, que respeite as especificidades e individualidades de cada educando, expandindo o trabalho da escola para a família e contribuindo para a noção de educação sensível aqui proposta.

Alleoni (2016) explica que a dança pode ser o caminho para que a sensibilização de todos os alunos aconteça, e cabe muito bem ao aluno com autismo ao nos propor que:

Por meio desse novo olhar para o corpo, dessa nova sensibilidade aos fenômenos do corpo em ação, percebe-se que a imagem corporal (aspectos relacionados à cognição, afetividade, percepção e comportamentos) se modifica, bem como o olhar do intérprete sobre si mesmo e sobre sua dança. (ALLEONI, 2016, p.1).

A dança ativa o corpo que possui uma história pessoal, modificando e ressignificando as sensações e as impressões que esses alunos têm de mundo. Essa linguagem artística canaliza energia, que é facilmente dissipada pelo aluno com autismo, e desenvolve criatividade, produz responsabilidade e gera compreensão de trabalho em equipe, em especial quando trabalha o movimento de forma orgânica e não mecanizada.

Sendo assim, a dança aqui proposta busca uma abordagem somática, em que o físico, o imagético, o psíquico, o emocional, juntamente com os processos mentais e culturais, possa resultar em um corpo em sinergia (em que a soma de um todo é maior que suas partes).

[...] daí a preocupação em se tentar articular o desenvolvimento do saber sensível também com a educação do intelecto, num modo de integração e complementaridade; ambas as nossas vias de acesso ao mundo, antes de se mostrarem excludentes, apoiam-se mutuamente. (DUARTE JUNIOR apud SALVADOR, 2013, p. 104).

Buscamos abordar, a partir da dança, um corpo que possibilite ao aluno com autismo uma compreensão de si e do mundo ao seu redor, tornando-o uma pessoa mais sensível aos que estão à sua volta e dando-lhe a possibilidade de alcançar mais autonomia.

Que o inteligível e o sensível andem lado a lado nos processos do desenvolvimento cognitivo e de experiências estéticas deste aluno. Muitos são os avanços quando existe intervenção precoce e intensiva no caso do autismo, e acreditamos que a dança na educação pode ser a linguagem que fará parte importante e efetiva desta intervenção.

Sendo assim, julgamos que a dança auxilia nos processos cognitivos e motores do aluno com autismo, trazendo-o mais conforto e melhora na esfera global de seu desenvolvimento, podendo ampliar suas capacidades físicas e mentais e sua abertura para o mundo.

Gabriela Salvador (2013) defende que, em se tratando de um trabalho corporal, a dança ativa diretamente o corpo em sua totalidade (o corpo soma), ou seja, todos os aspectos físicos, emocionais, religiosos, sensíveis, etc deste corpo. A autora considera ainda que é importante atentarmos para o corpo soma a partir de uma “concepção de corpo como unidade psicofísica sensível, para podermos entender uma maneira de trabalhar o aprendizado do movimento dançado” (SALVADOR, 2013, p. 57).

Tanto Marcia Strazzacappa e Carla Morandi (2001) quanto Gabriela Salvador (2013) defendem que a dança é uma forma de aprendizado essencial para a vida dos alunos, e aqui destacamos que pode ser ainda mais importante para os alunos com autismo. A arte, e principalmente a dança, tem caráter significativo no desenvolvimento de alunos com necessidades especiais.

Assim sendo, apropriamo-nos das palavras da autora Gabriela Salvador (2013) que afirma:

[...] a sensibilização corporal contribui efetivamente para construção do corpo soma, colaborando com a etapa de percepção e consciência corporais e demonstrando a capacidade que o corpo tem de assimilar o que o atravessa. (SALVADOR, 2013, p. 74).

Aqui, cabe atermo-nos às considerações de João Francisco Duarte Junior (2000), que, por meio da proposta da educação sensível, conduz a uma reflexão sobre corpo e sensibilidade, percepção prática e estética:

O que nos diz dessas duas maneiras distintas de se perceber as coisas: a percepção prática e a estética, segundo pude discutir num trabalho anterior. Enquanto a primeira busca a função — vale dizer, a utilidade — dos objetos, a segunda se compraz com suas formas e maneiras de aparecer, isto é, com os prazeres sensíveis e emoções que eles nos despertam. O modo prático de ver o mundo orienta-se movido pelas questões “o que posso fazer com isto e que vantagens posso obter disto?”, ao passo que o olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre uma sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade. (DUARTE JUNIOR, 2000, p.102-103).

Este autor desafia-nos a entender que os alunos, com autismo ou não, precisam quebrar o excesso de racionalidade que a educação atual proporciona, que anestesia os sentidos e dificulta a relação dos mesmos com o mundo. Desta forma, a dança seria o caminho proposto para essa possível educação sensível, sugerida por Duarte Junior (2000).

Acreditamos, portanto, que esses autores dialogam com a proposta aqui apresentada, em especial quando propomos a dança como caminho para essa educação sensível, que, em nosso entendimento, seria uma grande aliada no desenvolvimento e no aprendizado do aluno com autismo.

Educação Sensível: Um fazer possível

A ciência acredita que a razão é a única fonte de provar a verdade, a arte, por sua vez, não pretende provar o contrário, mas mostrar que existe uma verdade na razão ampla, onde o que não é tangível também é detentor de saber e conhecimento, e que uma razão sensível é possível.

A razão pura vem na contramão do desenvolvimento dos saberes sensíveis, pois desabilita a educação sensível e seus saberes sobre o humano e as várias formas abrangentes de conhecimento dos sentidos.

A sensibilidade do indivíduo constitui assim, o ponto de partida (e talvez, até o de chegada) para nossas ações educacionais com vistas de construção de uma sociedade mais justa e fraterna, que coloque a instrumentalidade da ciência e da tecnologia como meio e não fim em si mesma. (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 145).

Enquanto seres humanos, possuímos a sensibilidade potencializada que existe em cada um de nós e que, como afirma Duarte Junior (2000), vamos perdendo com o passar do tempo. A proposta da educação sensível é aguçar esta construção de conhecimento por meio das nossas potencialidades sensíveis.

Em suma, o sensível não é apenas um momento que se poderia ou deveria superar, no quadro de um saber progressivamente se depura. É preciso considerá-lo como elemento central no ato de conhecimento. (MAFFESOLI apud DUARTE JUNIOR, 2000, p. 9).

Quando falamos desta educação sensível, precisamos discutir sobre qual tipo de sensibilidade essa proposta aborda, portanto é preciso pensar em todas as formas de ser sensível.

Duarte Junior (2000) enfatiza que a proposta da educação sensível trata do corpo como ponto de partida para a compreensão do mundo. Essa compreensão de mundo, a partir do corpo, pode ser uma grande aliada na educação especial e dialoga diretamente com a arte.

Barreto (2004) também afirma que, na medida em que colocamos no corpo a potencialidade do trabalho, em especial com a dança, apresentamos vislumbres de possibilidades.

Dançar é um momento efêmero e expressivo da existência humana, como possibilidades de construir imagens, no espaço infinito, e que, às vezes, é “pouco” se ainda há tanto a expressar, de formas diversas. Dançar, deixando que corporifiquem as imagens plenas de significado, emoção e ato. (BARRETO, 2004, p. 125).

Segundo Duarte Junior (2000) a arte caminha de mãos dadas com as manifestações de expressividade humana, que, por sua vez, caminham com as sensações humanas. O autor ainda sugere que a arte pode concretizar tais aspectos, e afirma que sentir atribui-lhe significados.

Essas sensações, quando bem trabalhadas, podem ser organizadas, dar significado aos fenômenos do mundo e, conseqüentemente, organizar os fenômenos para o aluno com autismo.

É preciso focar no aprendizado deste aluno, no que diz respeito a arte-educação com viés da dança, e que esta venha ao encontro da inclusão de forma prazerosa, para que a aprendizagem ocorra. A educação sensível solicita urgência no desenvolvimento do saber em sala de aula e fora dela.

A educação humanizante tem o aluno como parte fundamental de todo o processo educacional: o que ele vive, sente, fala e percebe são fatores utilizados para desencadear os processos de aprendizagem. Em Arte, esse tipo de educação é muito utilizado, os alunos são geralmente envolvidos nos trabalhos desenvolvidos e tornam-se, também, produtores de sentido e conhecimento. O estudante deficiente, muitas vezes, sente ou percebe o mundo de forma diferente dos outros alunos. Suas percepções são diferentes e essas percepções precisam ser aproveitadas em seu favor. (FERREIRA, 2017, p. 12).

Alguns autores da Educação afirmam que primeiramente conhecemos o mundo a partir de nossas sensações e de uma sensibilidade imagética e corporal. Nesse sentido, Duarte Junior (2000) afirma que o retorno a esse saber primeiro deve ser enfatizado pela educação sensível, com a finalidade de uma educação ampla e humanizada:

A educação (do) sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda, e principalmente, no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 15).

Mas, para compreender o significado deste estudo, é necessário enfatizar as várias formas que a palavra sensível é empregada e tomar para esta pesquisa todas que vão auxiliar tal compreensão. É preciso que tenhamos consciência, uma razão lógica, uma direção, que leve a uma percepção de mundo, não deixando de valer-nos do místico sexto sentido, “[...]referências à capacidade humana de apreender a realidade de modo consciente, sensível[...]” (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 13).

Tanto Salvador (2013) quanto Duarte Junior (2000) concordam ao dizer que tudo o que passa pelo corpo é assimilado e ganha significado. O saber sensível antecede o saber intelectual e organiza nossa compreensão de mundo, não dicotomizando, muito pelo contrário, o inteligível e o sensível caminham lado a lado.

É fazendo uso deste conhecimento sensível, primordial, primeiro do ser humano, que pretendemos entender possíveis formas de alcançar sensivelmente o aluno com autismo, e compreender as várias e possíveis formas de trabalhar com ele e estimular sua vida expressiva.

Conforme afirma Duarte Junior (2000):

É através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro sensível com o mundo [...] A arte não estabelece verdades gerais[...] busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós. (DUARTE JUNIOR, 2000, p, 25).

Como aborda Salvador (2013), para entendermos a forma correta de trabalhar a dança na educação, precisamos considerar o corpo como unidade sensível. Os alunos com autismo também possuem esses corpos sensíveis e a dança pode ajudá-los a alcançar sua expressividade.

Dançar é uma forma de conhecer que envolve o ser em toda sua amplitude, sensibilidade e racionalidade. Penso que na dança o corpo é o próprio conhecimento, que é desvelado nas experiências sentidas, imaginadas e vividas. (BARRETO, 2004, p. 127).

Outra linguagem muito importante para o fazer sensível dentro de sala de aula, é a linguagem do amor, do carinho e a troca de experiências sensíveis com eles. Essa linguagem mais humanizada, e menos intelectual, pode ajudar a refletir sobre a proposta sensível de educação a partir do afeto, da confiança e da entrega desses alunos.

De acordo com Duarte Junior (2000), o saber sensível constitui parte integrante do corpo de quem o possui, torna-se uma qualidade humana. Também por esse viés da

emoção, essa educação sensível se faz necessária não só para alunos com autismo mas também para alunos não autísticos.

No que diz respeito à formação de arte-educadores, a arte trabalhada pelo viés da educação sensível pode transformar educadores em agentes de conhecimento sensível e intelectual, sem separações entre corpo e mente, razão e emoção. É necessário que o professor conheça as especificidades de cada indivíduo, trazendo ensinamentos e aprendizados distintos, de acordo com a necessidade de cada aluno. O professor tem papel fundamental neste processo, porque é por meio do saber sensível, vivido por ele, que o aluno experienciará esta educação sensível.

O professor precisa aprofundar-se nas questões inerentes ao relacionamento com seu aluno com necessidade especial, e, objetivamente, com o aluno autista, que tem aspectos e características específicas que o distingue das demais deficiências. Intervir com ações reflexivas e estratégias pedagógicas pode ser uma forma eficaz de encontrar um resultado satisfatório para o desenvolvimento e o aprendizado deste aluno.

Como afirma Orrú (2017),

Uma das responsabilidades do educador é a de intervir na vida humana por meio da reflexão e da ação reflexiva, geradoras de estratégias pedagógicas para o bem comum do educando. Logo, se é impossível fazer de conta que o autismo não existe, certamente podemos, enquanto educadores, nos dispormos à busca de maneiras inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com autismo. Para tanto, somente será possível tal ação, se nos despojarmos dos pré-conceitos estabelecidos como definidores de destinos. É imprescindível que o educador, e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo, seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes. Porém, tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas, e não como desculpas para o abandono à causa. (ORRÚ, 2017, p. 1).

Ao refletir sobre a proposta sensível pedagógica até aqui apresentada, fica evidente que a presença da dança na educação é algo que já não é tão distante de uma realidade a ser posta em prática pelos arte-educadores com foco no aluno com autismo. Como defende Barreto: “Não basta objetivar, é preciso refletir sobre os conteúdos a serem selecionados, bem como a maneira que serão selecionados e trabalhados” (BARRETO, 2004, p. 133).

Sabemos que a dança, por si só, já se define como experiência estética que colabora para o desenvolvimento motor e cognitivo de quem a pratica, ou seja, a dança traz a troca de saberes entre o aluno e o professor com reflexão de ser e saber sensível.

Se o professor conduzir sua proposta de maneira correta e eficaz, a partir dos pressupostos da educação sensível, essas experiências com a dança poderão proporcionar ao aluno com espectro autístico a interação social tão almejada, e ganhos físicos, psicológicos e emocionais.

Vejo que o ensino da Dança pode exercer um importante papel no que se refere a ampliar as possibilidades e as formas de compreender, ampliar e se relacionar com seu próprio imaginário, com o de outras pessoas e com o mundo em que vivemos, construído por imagens. Creio que uma pedagogia da imagem possa contribuir muito para que se enriqueça o ensino da dança nas escolas, academias, centros culturais, entre outros, visto que as pedagogias tradicionais têm imobilizado os corpos com seus treinamentos coercivos, sem permitir que estes corpos encontrem caminhos mais humanos de experimentar as técnicas, a imaginação, a criação, a dança... Assim é possível educar pessoas autênticas, críticas e transformadoras. (BARRETO, 2004, p. 129).

Considerações Finais

Mesmo que os estudos envolvendo o Transtorno do Espectro do Autismo apresentem lentos avanços, é válido ressaltar que esta pesquisa visou aprofundar o conhecimento do arte-educador com olhar de interação, aceitação e inclusão, respeitando as esferas globais em que se encontra cada aluno com autismo.

A dança, enquanto prática artística, fará a mediação para a proposta sensível pedagógica que se defende aqui, a partir das discussões sobre dança na educação, por ser um caminho rápido para a educação sensível que é proposta a partir do corpo.

Educação sensível passa pelo *saber* sensível, que Duarte Junior (2000) aborda como denotação mais ampla de conhecimento e que devolve ao ser suas habilidades sensíveis, perdidas ao decorrer de sua caminhada pela vida, contextualizando as várias potencialidades existentes em aluno com autismo e tantas outras habilidades que, a partir desta educação (do) sensível, podem ser desenvolvidas.

Por fim, o que tem fundamental importância nesta pesquisa, e que procurei destacar nas últimas discussões aqui apresentadas, é o papel do educador nesta busca de trabalho com o aluno autista. O educador será o mediador de conhecimento e a força motriz para que essa proposta sensível pedagógica seja algo tangível para esses alunos que, na visão das autoras Barreto (2004) e Orrú (2017), não se diferenciam nas questões relacionadas à aprendizagem, mas sim na forma em que são aplicadas a eles.

Assim sendo, a dança, enquanto área de conhecimento e linguagem artística, pode se aliar às propostas da educação sensível, considerando que são particularmente complementares – pois ambas partem do corpo. Podem ajudar o aluno com autismo a compreender melhor e mais claramente o mundo ao seu redor, porque trabalhará os aspectos cognitivos, unindo-os aos aspectos sensíveis e corporais, ressignificando suas experiências e dando novas dimensões aos fenômenos que o rodeiam.

Isso não significa que as ações e os desafios se findam, pois, no tange educação especial, e principalmente com foco nos alunos com autismo, ainda há muito que se trabalhar. Acredito que o resultado de um trabalho eficaz é a nossa entrega enquanto professores, para fazermos o melhor e garantirmos a excelência do ensino, superando barreiras e depositando em nossas aulas o nosso melhor a cada dia.

REFERÊNCIAS

ALLEONI, Natália Vasconcelos. **O sensível na dança contemporânea**. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/imagemcorporal2010/trabalhos/portugues/area3/IC3-36.pdf> Acesso em: 25 de agosto de 2016.

BARRETO, Débora. **Dança...** Ensino, sentidos e possibilidades na escola. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacir de. **Conversando sobre autismo** – reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. Disponível em <http://studylibpt.com/doc/4102101/conversando-sobre-autismo--reconhecimento-precoce-e>. Acesso em 25 de agosto de 2016.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível**. 3.ed. Curitiba: Criar Edições, 2000.

FERREIRA, Alexandra. **Educação Sensível: uma abordagem fenomenológica dos processos de ensino da arte a alunos com deficiência**. Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades. GEPEC, 2017.

GADIA, Carlos. **Cartilha Autismo e Educação**. Autismo & Realidade – Associação de Estudos e Apoio. São Paulo, 2013.

GAIATO, Mayra et al. **Mundo Singular** – Entenda o autismo. Curitiba, PR: Editora Fontanar, 2012.

ORRÚ, Silvia Ester. A formação de professores e a educação de autistas. OEI – **Revista Iberoamericana de Educación**. Fundação de Ensino Otávio Bastos. Brasil. Disponível em: <http://rieoei.org/deloslectores/391Orru.pdf> > Acesso: 24 outubro 2017.

SALVADOR, Gabriela D. **Histórias e propostas do corpo em movimento**: um olhar para educação na escola. São Paulo: Editora Unicentro, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e à docência**: a formação do artista da dança. São Paulo: Papirus Editora, 2001.

VIEIRA, Marcílio Souza. Abordagens somáticas do corpo na dança. **Revista Brasileira Estudos da Presença**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.